

GIORGIO VAN STRATEN

HISTÓRIAS DE LIVROS PERDIDOS



ELSINORE

«Brilhante... uma
pequena obra-prima.»

The Guardian
Books of the Year

ÍNDICE

11

Introdução

O risco de uma impossibilidade

–

21

Florença, 2010

O livro que li (e não fotocopiei)

–

33

Londres, 1824

As «Memórias» escandalosas

–

49

Paris, 1922

A memória é o melhor crítico

–

63

Polónia, 1942

O Messias chegou a Sambor

–

75

Moscovo, 1852

Um'A *Divina Comédia* da estepe

—

87

British Columbia, 1944

Não é fácil viver numa cabana

—

101

Catalunha, 1940

Uma pesada mala preta

—

115

Londres, 1963

Poderíeis dizer que tenho uma vocação

—

131

Índice dos nomes

—

INTRODUÇÃO

O RISCO DE UMA IMPOSSIBILIDADE

Esta é a minha viagem em busca de oito livros perdidos, livros míticos, como as minas na corrida ao ouro: todos os exploradores estão seguros de que existem e de que serão precisamente eles quem as encontrarão, apesar de, na realidade, ninguém ter provas concretas ou conhecer percursos seguros. Também no meu caso os sinais são fracos, e escassas as esperanças de encontrar aquelas páginas. No entanto, a viagem vale a pena.

Os livros perdidos são aqueles que existiram e que, agora, não existem.

Não são, pois, os livros esquecidos que, como sucede com a maior parte dos homens, desaparecem aos poucos da recordação de quem os leu, evaporando-se das histórias da literatura, esvaindo-se com a existência dos seus autores. É possível encontrar estes livros em qualquer biblioteca, e um editor curioso poderia continuar a imprimi-los. Talvez já ninguém saiba deles, mas ainda existem.

Também não são aqueles que nunca nasceram; pensados, esperados e sonhados, mas cuja escrita foi impedida pelas circunstâncias. É claro que, também neste caso, estamos perante uma falta, um vazio que já não pode ser preenchido; mas, ainda assim, trata-se de livros que nunca existiram.

Para mim, os livros perdidos são aqueles que o autor escreveu, embora, por vezes, não tenha conseguido acabá-los; são livros que alguém viu, que talvez tenha até lido, mas que foram destruídos ou dos quais não se soube mais nada.

Os motivos que levam à sua perda são os mais diversos. Os textos podem ter caído sob o machado da insatisfação do autor, da sua busca por uma perfeição tantas vezes impossível de alcançar. É claro que se pode defender que, se quem os escreveu não estava satisfeito, talvez também nós não ficássemos satisfeitos, e que se essa insatisfação invadissem alguns escritores contemporâneos, todos nós sairíamos beneficiados; mas depois damos por nós a ler as obras que alguns corajosos subtraíram à vontade destruidora do autor, como no celeberrimo caso de Kafka, e damo-nos conta da sorte que foi essa vontade não ter sido respeitada.

Ou então foram circunstâncias ambientais e históricas que criaram esse vazio; sobretudo, a Segunda Guerra Mundial, uma guerra que esteve por toda a parte, sem distinguir a linha da frente da retaguarda, militares de civis; e as tentativas de colocar em segurança o que fora escrito nem sempre chegaram a bom termo.

Outras vezes, interveio a censura, ou mesmo a auto-censura, porque esses livros pareciam escandalosos, perigosos, e não só em sentido figurado, uma vez que, no século XIX — e até no século XX —, ainda havia países europeus onde a homossexualidade era crime.

Aconteceu também que um descuido ou uma ligeireza tenham provocado um incêndio ou um furto (certamente, de escassa utilidade para quem o cometeu: o que podia fazer com todo aquele papel?), e que, assim, tenham sido destruídos anos de trabalho, obrigando o autor a recomeçar, admitindo que tivesse força para o fazer.

Depois, há a vontade dos herdeiros, particularmente dos viúvos e das viúvas: a vontade de se protegerem a si mesmos e aos seus cônjuges, de protegerem a reputação do marido ou da mulher diante de obras inacabadas, ou a vida de pessoas representadas e reconhecíveis nesses escritos.

Nos oito casos a serem contados existem exemplos de todas estas possibilidades; e a conclusão é sempre a mesma: o livro em questão parece perdido para sempre, embora subsista, por vezes, a hipótese que alguém, algures...

Sempre que me deparei com um livro perdido, tive a mesma sensação que tinha em pequeno ao ler romances que falavam de jardins secretos, teleféricos misteriosos e castelos abandonados: a oportunidade de explorar, o fascínio por aquilo que escapa, e a esperança de poder vir a ser o herói que resolve o mistério.

De facto, nesses romances de juventude, a solução chegava no final do livro, sugerida pelo autor, obviamente, embora a mim me parecesse fruto da minha atenção e da minha fantasia.

Mas, nestes oito livros perdidos, não encontrei nenhuma, pelo menos no sentido tradicional do termo. No entanto, como se verá no primeiro capítulo, aconteceu-me ter lido um romance antes de se perder, mas não ter conseguido impedir a sua destruição.

Talvez tenha sido precisamente por essa falta, por esse falhanço, que decidi lançar-me no encalço de outros livros perdidos, de contar as suas histórias como se fossem aventuras. Primeiro, fi-lo numa série de transmissões radiofónicas, acompanhado por alguns amigos apaixonados pelos autores e livros em questão. Percorremos juntos os caminhos que tinham levado ao seu desaparecimento, consolados pelas páginas que tinham restado e que podíamos continuar a ler.

Depois, decidi percorrer novamente esses caminhos sozinho, como por vezes acontece com os lugares onde nos sentimos bem, na esperança de voltar a ter as mesmas sensações, neste caso talvez também para compreender se algum indício descurado injustamente abriria novos rasgões sobre o modo como as coisas se tinham realmente passado. Continuei, obviamente, às apalpadelas no escuro, mas, como por vezes sucede ao viajar solitariamente, reparei em coisas a que, ao caminhar acompanhado, não tinha prestado atenção.

Cada livro perdido tem a sua história, em nada semelhante às outras, a não ser por algum pormenor que estabelece relações inesperadas, como, por exemplo, entre Romano Bilenchi e Sylvia Plath (um romance inacabado e o cônjuge que decide por eles), entre Walter Benjamin e Bruno Schulz (nascidos no mesmo ano, ambos judeus, ambos desaparecidos durante a guerra juntamente com os seus últimos livros), ou entre Nikolai Gógol e Malcolm Lowry (ambos queriam escrever *A Divina Comédia* à sua maneira e não conseguiram). O que, no entanto, aparece com inquietante frequência é o fogo. De facto, a maior parte das páginas perdidas de que falamos arderam, e isto faz-nos refletir sobre a sua fragilidade; porque falamos de tempos (os dois séculos anteriores ao atual) em que só o papel permitia a conservação das palavras que os homens escreviam — e, como se sabe, o papel arde com muita facilidade.

Poder-se-á pensar que, nos dias de hoje, é mais complicado perder um livro, que os mil suportes onde podemos gravá-lo excluem os riscos de que alguma coisa seja destruída irremediavelmente. Parece-me, no entanto, que, em certos casos, a imaterialidade é tão frágil como o velho papel, e que aquelas chalupas de palavras, que teimosamente tentamos navegar em alto-mar até que alguém as veja e as acolha no seu porto, podem desaparecer num espaço infinito, como astronaves à deriva no universo, afastando-se de nós cada vez mais velozmente.

*

Mas serão, realmente, estas perdas apenas e exclusivamente perdas?

Há algum tempo, deparei-me com um velho caderno onde tinha apontado algumas frases que me tinham impressionado. Havia uma extraída de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust. Dizia:

Mas para desencadear aquela tristeza, aquela sensação de irreparável, aquelas angústias que preparam o amor, é necessário — e talvez seja isto, mais do que uma pessoa, o próprio objeto que a paixão procura ansiosamente atingir — o risco de uma impossibilidade.

E se a paixão que me invade, que nos invade, diante destes livros perdidos tivesse as mesmas origens da paixão amorosa descrita por Proust? Se fosse precisamente o risco de uma impossibilidade que justifica o misto de arrebatamento e melancolia, de curiosidade e fascínio, que cresce quando se pensa em algo que existiu, mas que não podemos agarrar com as nossas mãos? Se for o vazio que nos fascina, por que podemos preenchê-lo com a ideia de que o que falta é a peça decisiva, perfeita, inigualável?

Além disso, esses livros tornam-se desafios à imaginação, a outros escritos, ao desenvolvimento de paixões alimentadas pela sua própria inatingibilidade. Não é por acaso que muitas destas páginas perdidas acabaram por provocar a escrita de novos livros.

*

Mas não é só isso, é algo mais.

Num romance de finais do século passado, uma escritora canadiana, Anne Michaels, escreveu:

Não há verdadeira ausência se permanece, pelo menos, a recordação da ausência. (...) Se alguém já não tem a terra, mas tem a recordação da terra, pode sempre desenhar um mapa.

Assim, este livro é o meu mapa pessoal entre as recordações de livros ausentes que, à exceção de um, não pude ler; e, tratando-se de um mapa, quando me perguntei por que ordem poderia contar estas histórias — se recorrendo a um critério cronológico, alfabético, ou a analogias que levassem de um caso a outro, e assim sucessivamente —, decidi-me, no final, pela geografia: uma volta ao mundo em oito volumes, ao invés de em oitenta dias. Parti do livro que não consegui salvar, da minha casa, porque a minha casa, como a de Romano Bilenchi, está em Florença, e depois mudei-me para Londres, e, depois de um percurso circular, a Londres regresssei, como Phileas Fogg, tendo passado por França, Polónia, Rússia, Canadá e Espanha.

No final da viagem, dei-me conta de que os livros perdidos têm algo que os outros não possuem: deixam-nos, a nós, não leitores, a possibilidade de imaginá-los, de contá-los, de reinventá-los.

E, se por um lado continuam a escapar-nos, a afastarem-se na medida do quanto mais procuramos agarrá-los,

GIORGIO VAN STRATEN

por outro, ganham nova vida dentro de nós e, no fim, como o tempo proustiano, podemos dizer que os encontrámos.

«Dei-me conta de que os livros perdidos têm algo que os outros não possuem: deixam-nos, a nós, não leitores, a possibilidade de imaginá-los, de contá-los, de reinventá-los.»

Ernest Hemingway, George Byron, Sylvia Plath, Nikolai Gógol, Malcolm Lowry, Bruno Schulz, Romano Bilenchi, Walter Benjamin... Histórias de oito livros perdidos, queimados, rasgados, roubados, simplesmente desaparecidos, que sabemos terem sido escritos, que sabemos existirem. As pistas são fracas e a esperança de os encontrar reduzida, mas procurá-los não será já um modo de os lermos?

Da Florença deste século à Londres regencial, da estepe russa à Praga da Segunda Guerra Mundial, Giorgio Van Straten, no papel de detetive de livros perdidos, guia o leitor pelo espaço e pelo tempo numa viagem fascinante, desenterrando histórias de infâmia, tragédia e oportunidades (de leitura) perdidas.

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-46-8  9 789898 864468 Ensaio
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	